



Firley Poliana da Silva Lúcio. Enfermeira, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. E-mail: polianalucio2014@gmail.com

Ednaldo Cavalcante de Araújo. Enfermeiro, Professor Doutor (Pós-doutor) do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado e Doutorado em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco/PPGENF/CCS/UFPE. Recife (PE), Brasil. Pós-doutor pela Université René Descartes, Département des Sciences Sociales, Faculté des Sciences Humaines et Sociales – Sorbonne/Paris V, France. Recife (PE), Brasil. E-mail: ednenjp@gmail.com

A LÉSBICA E A BISSEXUAL: INVISIBILIDADE NO CAMPO DA SAÚDE

Considera-se essencial “atender às demandas de saúde das diferentes orientações sexuais que não sejam de caráter heterossexual” e, além disso, buscar combater as invisibilidades institucionais que acometem, sobretudo, as mulheres lésbicas e bissexuais e as vulnerabilizam. Nesse sentido, a verdade é que, independente de sua orientação sexual, a mulher precisa ter acesso à saúde integral, garantida por lei.

A invisibilidade da homossexualidade feminina na área da saúde, acontece sobretudo, no campo científico, uma vez que os discursos do campo político já trazem para o campo dos direitos a homossexualidade feminina, em específico, a homossexualidade em geral. No campo da produção científica existe certa invisibilidade dessa temática associadas às práticas de saúde. As mulheres homossexuais vivenciam alto grau de estresse; desconforto por causa do não acolhimento das especificidades de suas demandas de saúde e baixa efetividade em tratamentos.

No âmbito da saúde, a falta de ambiente propício à especificidade lésbica, gera um atendimento camuflado, com informações negligenciadas bilateralmente, uma vez que as usuárias do serviço não se sentem à vontade para declarar sua orientação sexual, com receio de sofrerem discriminação e preconceito; conseqüentemente, deixam de falar de suas vivências. Isso tanto pode acirrar as vulnerabilidades, inclusive na questão da saúde mental, como, também, fazer com que

os profissionais da saúde não prestem a assistência qualificada.

Esta exclusão deste grupo de mulheres homossexuais ou bissexuais é discutida no viés da heteronormatividade que “estrutura *habitus* que considera a sexualidade como única e exclusivamente de ordem heterossexual”, o que gera um despreparo do profissional da saúde em lidar com a pluralidade da orientação sexual, além de lhes causar dificuldades em revelarem sua sexualidade não heterossexual a esses profissionais, pelo próprio receio da discriminação e rejeição. Esses olhares não só revelam um despreparo para se lidar com as especificidades sexuais, mas também não permitem que mulheres revelem sua lesbianidade ou sua bissexualidade. O fato de a produção científica serem tão escassas no campo da saúde podem, justamente, serem indicadores da desconsideração ou desqualificação da homossexualidade feminina como temática.

Na situação de consulta ginecológica, a situação pode ser problemática para quem expõe não apenas o corpo em si, mas também os comportamentos socialmente desvalorizados que acabam sendo revelados. Percebe-se que o problema começa justamente na consulta a ginecologista, encontro essencial para a mulher cuidar de sua saúde, seja ele de orientação heterossexual ou homossexual. De ambas as formas, será sempre o corpo de uma mulher, sujeito às mesmas doenças.

A invisibilidade da homossexualidade feminina é uma violência simbólica, em que

Lúcio FPS, Araújo EC de.

A lésbica e a bissexual: invisibilidade no campo...

os profissionais da saúde são partícipes de grupos sociais, antes de serem profissionais e, portanto, influenciados por modelos culturais. Assim, de forma consciente ou não, estes agentes, ao lidarem com estas mulheres, correm o risco de lançar mão de *habitus* que distorcem aquilo que não é comum, transformando-o em algo doentio.

É importante que as práticas incluam as demandas das mulheres que fazem sexo com mulheres, não estruturando suas ações exclusivamente na perspectiva da heteronormatividade. O campo das políticas de saúde deve buscar assegurar o direito dessas mulheres de terem suas demandas de saúde atendidas. Desse modo, “na luta para transformar *habitus* que excluem lésbicas e mulheres bissexuais em *habitus* que as incluem na área da saúde, faz-se necessário obter maior parceria com o campo científico, pois só assim se poderá consolidar a aliança, de uma forma mais eficaz, entre o campo das políticas e o dos movimentos sociais. O que se pode constatar é que as lésbicas e as mulheres bissexuais não recebem o devido apoio por parte dos profissionais na atenção integral à saúde da mulher, quando verbalizam suas orientações sexuais quando buscam assistência, seja pelo preconceito e discriminação, seja pela falta de preparo do profissional para tal.

REFERÊNCIAS

Almeida G. Argumentos em torno da possibilidade de infecção por DST e Aids entre mulheres que se autodefinem como lésbicas. *Physis* [Internet]. 2009 [cited 2017 Jan 15];19(2):301-31. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200004&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000200004>.

Barbosa Regina Maria, Facchini Regina. Acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2009 [cited 2017 Jan 15];25(Suppl 2):s291-s300. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009001400011&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009001400011>.

Valadão Rita de Cássia, Gomes Romeu. A homossexualidade feminina no campo da saúde: da invisibilidade à violência. *Physis* [Internet]. 2011 Dec [cited 2017 Jan 15];21(4):1451-67. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000400015&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312011000400015>.

Correspondência

Ednaldo Cavalcante de Araújo
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Enfermagem
Av. Prof. Moraes Rego, s/n, 2º piso do bloco
A, anexo ao Hospital das Clínicas/UFPE
Cidade Universitária
CEP 50670-901 – Recife (PE), Brasil